



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha — Lisboa — Telefone 5339

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

NÃO HÁ REGRA SEM EXCEÇÃO...

Um professor primário que reivindica a honra de militante sindicalista

rem sindicados, não tem que dar conta da natureza de tais ideias.

Não. Estudai o sindicalismo. A par da ciência da educação, de que faz parte a ciência social, aprofunda a doutrina sindicalista, que em seus fundamentos encontrares profundos conceitos de direito e um vasto panorama de beleza moral. E quando alguém voltar a agitar a vossa União de bofetadas ou de monarquias, de católicos ou de pagãos, de espiritistas ou de materialistas, diz-lhe que a vossa União não é nada disso porque é mais do que tudo isso. Como a nobreza de quem tem a coragem das suas opiniões, diz-lhe bem alto, certos de que fazeis uma grande afirmação:

A União do Professorado Primário Português — é sindicalista!

Do muito grato
Canhão Júnior.

Do professorado primário e ao senador sr. Silva Barreto

Professores primários:

O senador sr. Silva Barreto em voz terrível acusou o professorado primário de sindicalista. Reivindicamos alto a honra desse epíteto!

Não tenhais medo do estado que ele não vos fará mal, porque não poderá chegar à altura em que paira o coração do verdadeiro professor do tempo em vosses. Não tenhais medo do estado. Declarai-lhe nobremente que sois sindicalistas; que o sindicalismo é a base do trabalho racional, intenso e perfeito; que é uma doutrina social de paz e amor e que, por ser eminentemente justa e construtiva, lhe chamam eminentemente revolucionária. Diz-lhe que Anatole France, por exemplo, é sindicalista e que sindicalistas são, decerto, os mais altos espíritos da nossa terra e do mundo inteiro.

Não tenhais medo do estado. Perante qualquer movimento de natural reacção de alguma das suas forças contra nós, como agora sucedeu no Senado da República, perguntai humilmente ao estado qual é a sua função social. O estado dir-vos-á que procura a harmonia e o progresso da humanidade. Vós direis então ao estado que ideis pelo mesmo caminho, mas com algumas léguas de dianteira e procurando também aliviar o ingrato destino de aturar as bráveas eternas do velho bicho homem.

Não tenhais medo do estado. Se ele vos falar, não apostatéis. Apostar com medo é renunciar ao título de homem.

Como agora fizestes, conversai amavelmente com o estado mas, porque o estado é republicano e para que ele vos não faça mal, não lhe volteis a dizer que sois todos republicanos. Isso é uma indignidade e um erro crasso à face das doutrinas sindicais. Imaginai que amanhã vinha a monarquia e que junto dela leísse as explicações como agora fostes juntos da república. Vede ainda que atentastes contra a consciência dos professores sindicados que, no uso de um pleno direito são monarquistas, declarando que eles são republicanos.

Não. Vós não tendes que dar satisfações ao Estado das opiniões políticas, religiosas ou filosóficas dos sindicados da vossa União, visto que eles, para sentadas, o futuro surgirá. Caminha e deixa operar o tempo que é o Supremo Arquitecto da Justiça inflexível, cujo templo magnífico há de erguer-se da ruína das revoluções, elevando para o eterno azul a sua cúpula grandiosa, sob a qual a humanidade será finalmente livre e feliz, na adoração perpétua da Sublimidade e da divina Arte, sublimada.

Assim ouvi e passei meditando sobre o que acabava de ouvir.

.....

O casamento da varina

Ali à Estrada, em frente da basílica passaram por mim dez carruagens das melhores da Companhia, no seu regresso da administração do bairro.

Era o casamento duma varina que seguia à frente do cortejo, muito bem recostada no estofado capotado do veículo, a cabeça envolta por uma echarpe e os ombros cobertos por um chafre feludo, de pontas, ao lado do marido que lhe de relance.

Atraz os convidados, vestidos para a circunstância.

Curvei-me, em espírito e reverência, no meu íntimo, o quarto Estado que passava, ostentando o seu braço plebeu e a sua aristocracia da giga e da canastra, inacessíveis à classe média e ao operariado.

O quarto Estado

A soberania popular que começa a andar de carruagem, o que não sucedia no tempo de El-Rei D. João VI que muito bem a conhecia «essa senhora» que ele via sempre caminhar a pé, ao contrário de sua magestade que já mais calcou as pedras da calçada, nem mesmo quando do seu exílio para o Brasil.

Lebrar-me eu de que fui a pé para a igreja quando me casei e que vim de lá numa tipóia de praça conduzida por um cocheiro de jaqueta e de chapéu desabado!

Le monde marche, quand même.

O Pelletan teve razão.

Para maçada e para hoje já temos de sobra.

Camarda tipógrafo — ponto final e quadrados e até amanhã, se Deus quiser.

J. B.

A moral e a estética

O Diário da Notícias, todo indignado, não sem motivo, mas sem razão alguma, atirou-se ao alfarrabista e ao florista que, com a devida licença da Câmara, armaram barraca nos recantos da fachada da Igreja dos Mártires, para o grangeio da sua vida.

Mártires são os pobres que procuram ganhar honestamente os meios de subsistência.

Mártires e tolos.

De maneira que o Notícias, movido pela mola oculta da estética, lá como ele a entende, embirrou com aquelas criaturas, cujo modesto estabelecimento, sem prejudicar o trânsito, põe uma nota pitoresca na fachada da casa daquele senhor que uma vez correu do templo os vendilhões ascendentes daqueles que, entre nós e hoje em dia, almoçam e jantam com acompanhamento de música no «Trionfo» e na «Garra» a dois passos do florista e do alfarrabista que o referido jornal pretende lançar às feras.

Ocorre, porém, perguntar se os presébitos escancarados, noite e dia, em pleno bairro da imprensa, que vem a ser o Bairro-Alto onde o Diário da Notícias tem as suas instalações, há mais de meio século, ocorre perguntar se esses antros de miséria e perdição, obra da sociedade infame e derrancada, não ofendem a estética da cidade nem a boa moral.

Sim, porque neste particular, não tuge nem magre o Diário da Notícias, a cuja porta e como o leitor que é do progresso e da civilização, se nota sempre uma tam grande porção de cacos da mais indecorosa miséria social que no mundo se vê.

«Como havia ele de tugar e mugir, no caso sujeito, se a prostituição regulamentada que tem à porta, por todos os lados, é uma das principais colunas do carunchoso e empestado edifício estadual de que ele, por seu turno, é vigia ou coluna mestra?

«Como havia ou como há de ele dar pio contra a prostituição, se aquela que se faz clandestinamente é uma das suas fontes de receita por meio do anúncio amoroso, muitas vezes cifrado, que é veiculado diário e seguro da prostituição, da desonra e do adulterio no seio das famílias e no qual «meninas jovens e honestas» e «senhoras», «não edasas» pedem auxílio de «cavalheiros de posição e de respeito», servindo-lhes o Notícias de padrinho, não não dizer outra coisa, ele que não pode suportar o alfarrabista e o florista do Chiado governando honestamente a sua triste vida no recanto da igreja dos Mártires?

Isto, sim, que é imoral.

A venda dos alfarrabistas e das singelas flores dos jardins.

O reclame permanente ao vício e à prostituição nos domicílios, a tanto por linha, isso não ofende a estética da cidade nem a pureza dos costumes.

O florista e alfarrabista que não anunciam no Diário da Notícias, esses é que são imorais e indecorosa a sua mercadoria.

As flores e os livros entre os quais não há um só pornográfico como tantos que se ostentam na vitrine dos livreiros; esses livros e essas flores que põem uma nota alegre e inocente nos recantos da fachada dos Mártires, isso é que ofende a moral e a estética.

A santa moral burguesa!

Ponto final e risca ao lado.

.....

A demolição

Passando eu ali na calçada da Estrada fui espreitar, indiscreto, à porta do edifício demolido das Franczinhas e vi a obra da mão dos hunos perguntando ao homem pelas preciosas artísticas que algum dia ali se guardaram.

Em cada uma daquelas pedras está falado a revolução triunfante da democracia contra o passado odioso de fraques e tiranos, finalmente abatidos.

Na solidão desoladora daquelas ruínas desnecessárias que foram além dos fundamentos do antiquíssimo edifício pareceme ter ouvido a voz austera do Grande Hércules admoestando que se «deixe a crença ao que não tem mais nada».

A revolução que passou demoliu, destruiu e arrazou quase tudo, mas deixou de pé as prisões e não abriu escolas onde encontrou tabernas e prostituições que ficaram em pé.

Que mais demolirá?

Seguramente o resto.

Que edifício, que edificará? ou reconstruirá?

Que irá sair dos escombros dessa revolução, além do que tem saído?

Liberdade, igualdade e fraternidade — responde ao longo, muito ao longo, o eco mal abafado da revolução que passou triunfante e demolidora, sem ser reconstrutiva.

Espreitei, indiscreto, aquele montão de ruínas e vi, sobre elas, em pé, na minha frente, envolta no seu sudário de tristezas, a triste realidade, que me falou assim:

— Segue o teu caminho. Deixa passar e opera o tempo e a guarda, sem ódio nem impaciência, a Justiça por vir; não a justiça defeituosa e falível dos homens, que está desonrada em todos os tribunais da terra desde a morte afrontosa do Justo, mas a justiça emanante, se outra não admite a tua descrença do céu.

— Mas, — perguntei — deste demolir incessante e desordenado, o que pode esperar-se, o que surgirá, finalmente?

— E a realidade respondeu-me: — O zero absoluto para as reivindicações da canalha, a cujo número pertences.

— E depois?

— A Justiça Espera, confia, segue o teu caminho e tu verás. As pedras há de unir-se às pedras. Sobre elas, ci-

J. B.

Inaugurou-se efectivamente ontem, com numerosa assistência

Foi ontem efectivamente inaugurada, como noticiámos, a Biblioteca Sindical, de iniciativa da União dos Sindicatos Operários de Lisboa, que se encontra instalada na melhor sala do edifício da Calçada do Combro.

A Biblioteca Sindical abriu com mais de mil volumes de literatura, ciência, filosofia e sociologia, obra grande profusão de jornais e revistas nacionais e estrangeiras, vendo-se publicações italianas, inglesas, alemãs e russas.

O nosso amigo Pinto Quartim, numa ligeira palestra, falou da ignorância e da indiferença da grande maioria da população trabalhadora e da necessidade que há em os sindicatos empreenderem a luta no campo intelectual, sem descurarem a luta no terreno económico.

Os trabalhadores mais refractários à associação — disse aquele nosso amigo — são os mais ignorantes. O operariado militante, é muito mais inteligente e mais culto que a massa operária que nada faz para sair da escravidão capitalista. No entanto, entre o próprio operariado organizado a indiferença e a ignorância são uma dolorosa realidade.

— Eu sei — prosseguiu o conferente — que essa ignorância não é uma chaga provocada intencionalmente, por prazer ou conveniência; é uma herança maldita do passado excitada pelo presente. Mas há que estirpá-la. E referindo-se à Biblioteca Sindical que se inaugurava, o conferente disse, rematando a sua palestra:

«Aqui o operário aprenderá a ser estudioso, estimulado por outros companheiros. A leitura é um vício. Adquire-se com a persistência. Custa um pouco ao princípio mas logo que se tome o gosto, nunca mais o desprezamos, primeiro porque a leitura é um dos maiores prazeres que ao homem é permitido gozar, segundo porque quanto mais sabemos mais nos convencemos de que muito ainda nos falta saber, e

daí a necessidade de prosseguir lendo, lendo sempre, continuamente.

«Experimentem os amigos e verão. As enciclopédias populares põem a vulgarização das sciencias ao alcance dos mais humildes. Hoje não há mistérios que nenhum de vós não possa compreender e saber. E ao terdes exacto conhecimento, pelo estudo da geologia, da prehistória e da etnografia, da origem do mundo e da infância da humanidade; ao ser-vos permitido traçar, pelo estudo da história, os progressos da inteligência humana e os esforços empregados, através de todos os tempos, pelo povo para se libertar da escravidão dos usurpadores da riqueza social; ao poderdes precisar, de uma maneira rigorosa, pelo estudo da antropologia, o lugar do homem na natureza e sua evolução física, intelectual e moral através do tempo e do espaço, segundo os meios e as raças; ao poderdes compreender pela ciência, todo o passado e a evolução da humanidade, e ao poderdes, pelo conhecimento do passado e a observação do presente, concluir e conceber o futuro da humanidade, — ah! meus amigos! — haveis de sentir o vosso cérebro e a vossa alma iluminados de uma luz nova, intensa e fulgurante, e haveis de experimentar uma sensação inédita, consoladora e inexprimível, só possivelmente comparável àquela que deverá sentir o cego que, operado da cegueira, consegue ver, pela vez primeira, a luz do sol, o azul do céu, o verde das montanhas, as cores do arco-íris, o brilho das estrelas, o olhar da criança e o sorriso da mulher.

«E' que o indivíduo sem cultura, meus amigos, é como uma coisa sem vontade, é como um ser privado dos seus próprios órgãos visuais».

A inauguração da Biblioteca Sindical, que está aberta todas as noites, das 20 às 23, assistiu grande concorrência de operários.

A talência do partido socialista americano

Deby continua preso, e Gompers, o traidor, continua triunfante

O partido socialista americano é um partido morto. Na última convenção de Detroit cavou a própria cova. Toda a imprensa burguesa reconhece que ele já não mete medo a ninguém. Com todas as suas renúncias e os seus compromissos pós-se abaixo de todos os partidos reformistas constitucionais!

Dos homens verdadeiramente sinceros e dedicados ao partido não resta senão o velho Deby, a mais nobre e respeitável figura de combatente, o qual recusa a liberdade oferecida, desde que esta não seja concedida aos seus companheiros de cativeiro. Mas ele achar-se-ia agora também na impossibilidade de conduzir o partido por outros caminhos, porque neste movimento não é mais do que um apêndice dos partidos burgueses.

Hoje, as tendências que prevalecem, principalmente, são duas bem distintas e delineadas: a comunista e socialista autoritária e a anarquista libertária.

A «Federação Americana do Trabalho», na qual domina o faquir Gompers, no seu último congresso ratificou a velha política manhos do compromisso vergonhoso e conservou o velho pastor no seu mesmo posto.

O velho «bonzo» continua a tanfaronar, gabando-se de ter vencido os patrões, mas estes, apesar disso, vão sempre reduzindo, quanto podem, os salários. Esperamos que um belo dia, ele se una aos patrões e aos juizes para reprimir toda a greve que não seja organizada e permitida por ele.

.....

Jornada sindicalista

Classes metalúrgicas

No próximo mês de Outubro, a comissão de melhoramentos do Sindicato Único Metalúrgico de Lisboa, vai agitar a população metalúrgica da capital, no sentido de a fazer interessar pela sua situação económica e social, e bem assim pela necessidade de que todos os operários metalúrgicos se interessem pela expansão e desenvolvimento do Sindicato, ao qual se torna necessário introduzir-lhe novas modalidades para no campo da luta sindicalista poder exercer a sua acção mais eficaz e consentânea com o papel que amanhã terá que desempenhar, ao tomar conta da produção, na próxima transformação da sociedade.

Por estes dias será distribuído um manifesto à classe, convidando-a a reunir alternadamente e por oficinas, para nessas reuniões se tratarem assuntos importantíssimos.

Na sede central e respectivas secções realizar-se-ão, em dias determinados, conferências e palestras de estudo económico e social e bem assim, de nova tática sindicalista.

Brevemente também serão anunciadas umas conferências sobre a sua execução e interpretação da lei dos acidentes de trabalho, realizadas por um antigo camarada que hoje é um fiscal da lei.

.....

Detalhes sobre a morte de Maxno

HELSINGFORS, 7 DE SETEMBRO.

Devido a uma manobra inesperada das tropas vermelhas, o bando de Maxno foi cercado no rio Ingouli no limite dos distritos de Jélissavetgrad e de Nicoliev, tendo sido quase todo aniquilado. Entre os mortos contam-se o próprio Maxno, sua mulher, o seu ajudante Less e o seu chefe de serviço de espionagem, Ivanov. Unicamente se puderam salvar 50 pessoas do bando as quais erram pelas florestas, sendo perseguidas pelos soldados. — Rosia.

Porque fechou o parlamento?

Um parlamentar delegado dum partido denominado liberal, composto pela fusão de dois partidos e que representa o grupo que intriga a favor do governo, propôs ao Congresso o adiamento dos trabalhos parlamentares.

Apresentaram-se oitenta congressistas que escutaram com simpatia a proposta e a votaram com comovedora unanimidade.

O motivo alegado, residia na fadiga de que se ressentiam os deputados e senadores.

Como eles brilharam pela ausência durante toda a temporada parlamentar, ocorre perguntar se a ausência premeditada e prolongada a um trabalho, pode implicar esfaqueamentos em barda a indivíduos mercedores de albarda.

Contudo, houve membros das duas câmaras, que apesar da sua pontualidade duvidosa, ainda compareceram.

Na sessão do Congresso, que é como se sabe a soma das duas câmaras, pôde constatar-se a existência de 80 congressistas. Isto é, numericamente falando, assistiram a essa sessão conjunta 50 oje dos membros que compõem uma só câmara.

Se a alusão do congressista que propôs o adiamento dos trabalhos parlamentares se referia aos que compareceram durante a curta e infeliz temporada, vem agora a propósito uma pergunta quasi inútil:

O parlamento fatiga? A todos aqueles a quem se formulasse esta interrogação, concluiriam certamente por uma negativa formal. A não ser que fosse considerado

como fadiga para os parlamentares, os discursos obrigatórios dos «leaders». E nem assim teríamos a chave que fechou o parlamento. Os nossos parlamentares são relativamente sóbrios.

Eça de Queiroz legou-nos Pacheco como um modelo inultrapassável de sobriedade. Ora os parlamentares são figurados pelo Pacheco. E do resto é proverbial a desatenção dos parlamentares quando um colega discursa. E quando o calão forvilha, eles, apuram delicias o ouvido.

Abandonadas estas hipóteses, temos de procurar noutras razões, a razão do seu adiamento.

Façam pacientemente outra pergunta:

O parlamento trabalha?

A resposta tem de ser negativa. Os homens em sociedade asseme-lham-se aos carneiros em rebanhos: gostam de seguir as pisadas uns dos outros.

Ora este parlamento, imagem exacta do seu antecessor, não produziu, não trabalhou.

Viver à custa do trabalho — eis o seu loma. Embaraçar a produção foi o seu objectivo.

Nenhuma destas razões pertence a razão do adiamento.

Outra razão aparece a seduzir-nos. Mas esta que é a derradeira por nós apresentada afigura-se-nos disparatada.

Não será a lógica parlamentar, o disparate?

Isso anima-nos a dizê-la:

O parlamento fechou porque estava aberto. E depois há-de abrir pelo facto de estar fechado.

.....

ca, abusando da boa fé dos menos versados em assuntos sociais.

Por último, convida-se por este meio a emprender a enviar representantes seus à assembleia magna que se realiza no dia 23, no Barreiro, e a, simultaneamente, visitar a sede desta Associação, inteirando-se do que afirmado ficia.

Da lealdade de todos os jornais esperamos a publicação desta na integra.

Barreiro, 18 de Setembro de 1921.

A Comissão Administrativa.

SEGUIR A FITA

Os 50 milhões...

São presos mais dois burlescos

O dr. sr. Reis Júnior, director da Polícia de Investigação Criminal, continua as suas investigações acerca do famoso contracto dos 50 milhões de dollars.

Depois de um longo interrogatório, a que foram submetidos, deram entrada nos quartéis particulares do Governo Civil os burlescos de Castro Guimarães, do Banco Lisboa & Agores, e José Alves Diniz, da Mercantil Internacional, Limitada.

Segundo nos consta, fazem parte da direcção do «Crédit International de Transil, Entrepôts et Warrants» e vão ser juntamente com o Pedro de Araújo, remediados para juízo, por motivos que se diz serem bastantes para a promulgação.

Espera-se a todo o momento a chegada do sr. Melo e Sousa (pai) a fim de ser ouvido, falando-se de outras prisões em perspectiva.

.....

O Congresso Pan-Africano

Os negros portugueses discordam das resoluções lina tomadas

Decorreu agitada a reunião convocada pela Liga Africana e que teve lugar na sala de visitas que cedeu à colónia africana, o sr. Alberto Pinho.

Entrevieram vários grupos de africanos em que figuravam os sr. dr. Borja Santos e Macedo de Oliveira, os quais convidados para formar a mesa, declinaram tal convite.

O primeiro orador foi o sr. Nicolau Pinto, membro da Liga Africana, que constantemente interrompido teve de desistir, assim como o sr. José de Magalhães, irrompendo a maioria da assembleia com vivas ao sr. Marcus Garvey e ao Partido Nacional Africano e férra ao sr. Diagne, traidor da causa africana, e aos assimilados.

.....

Detalhes sobre a morte de Maxno

HELSINGFORS, 7 DE SETEMBRO.

Devido a uma manobra inesperada das tropas vermelhas, o bando de Maxno foi cercado no rio Ingouli no limite dos distritos de Jélissavetgrad e de Nicoliev, tendo sido quase todo aniquilado. Entre os mortos contam-se o próprio Maxno, sua mulher, o seu ajudante Less e o seu chefe de serviço de espionagem, Ivanov. Unicamente se puderam salvar 50 pessoas do bando as quais erram pelas florestas, sendo perseguidas pelos soldados. — Rosia.

